

# Apresentação

*Rascunhar temas culturais* exige um exercício crítico de reflexão sobre o que é cultura, quais suas formas de produção e seu impacto na construção do que consideramos sujeito e sociedade atual, em todos os seus desdobramentos. Por meio da linguagem escrita, abordar temas diversos que convergem neste amplo mosaico cultural equivale a reconhecer o direito ao conhecimento, e propagá-lo é um convite ao debate gerador de outros saberes, ao diálogo amplo e aberto.

O terceiro número da Revista *Rascunhos Culturais* traz para o leitor discussões e desafios em torno do lugar ocupado pelas ciências humanas, em especial as de Letras e História. Contemplando, portanto, múltiplos projetos intelectuais, os artigos aqui reunidos estabelecem diálogos e interfaces com pesquisas voltadas para os estudos literários, históricos, cinematográficos e linguísticos. Acreditamos que essa tessitura dialógica promove um intercâmbio crítico que se faz significativo para a pesquisa dessas áreas do conhecimento, como é caso da investigação de Lucilene Machado Garcia Arf em *A literatura brasileira no mapa espanhol*, na qual a autora nos conduz por uma viagem além-mar e além das letras, ao traçar os meandros dos caminhos que a literatura brasileira percorreu para encontrar em território espanhol um pequeno pedaço de solo onde enraizar-se, embora aparentemente pouco fértil. Em seu esforço de delinear esta trajetória, fornece uma orientação rumo a futuros diálogos

possíveis. O artigo *Homens de letras na República Velha: legitimadores e críticos da nova ordem social*, de Luis de Almeida e Marta Scherer, demonstra como os sujeitos intelectuais que viveram a proclamação da República e a *Belle Époque* foram fundamentais para a construção de um discurso homogêneo e legitimador do estado nação. O texto ressalta, entretanto, as oposições ao modelo discursivo proposto por meio das vozes de Euclides da Cunha, Lima Barreto e Sílvio Romero. Em *De Oswald à Ruffato: o sensível e (n) o cinema*, João Guilherme Dayrell investiga o diálogo que os livros “Memórias Sentimentais de João Miramar”, de Oswald de Andrade e “eles eram muitos cavalos”, de Luiz Ruffato mantém com a linguagem e as técnicas cinematográficas no cerne de suas construções. O artigo problematiza ainda a categoria do sensível experimentado pelo homem moderno a partir do que Guy Debord chama de “sociedade do espetáculo”. Dolores Puga Alves de Sousa e Átila Alixandre de Moraes em *Subproduto do cinema? A chanchada e o caráter cômico e político do filme ‘Nem Sansão nem Dalila’, de 1950*, analisam a arte cinematográfica como possível veículo de (re)apresentação de discursos sócio-políticos de um dado momento histórico. Nesse sentido, por intermédio do filme “Nem Sansão nem Dalila”, de Carlos Manga, conhecido por ter características das “Chanchadas da Atlântida”, os autores investigam enunciados críticos dirigidos ao governo de Getúlio Vargas. A partir da leitura crítica do texto em quadrinhos “Garra Negra”, de Jacques Martin, Alberto Pinto discute o modo como o autor franco-belga construiu arquétipos identitários que apontam para uma descrição ultrapassada, exótica e colonial do homem africano e da África em *A retórica colonial na narrativa histórica sobre Antiguidade: ‘Garra negra’ de Jacques Martin*. A poesia de Ferreira Gullar recebe novos olhares a partir da análise empreendida por Arthur de Vargas Giorgi. Nela, o autor busca outras leituras para além das propostas pelo biografismo historicista e pela autonomia estética em *Ferreira Gullar – Sobrevoos, Rasante*. Bianca Buse propõe reflexões em torno da problemática

raça/gênero e ações afirmativas a partir da análise do filme “Quanto vale ou é por quilo?”. A autora discute a presença da impunidade e da violência, o preconceito dispensado à mulher no mercado de trabalho e, especialmente, as problemáticas surgidas pela ausência de ações afirmativas e de políticas públicas no Brasil oitocentista e contemporâneo em *Quanto vale ou é por quilo? – Uma breve discussão sobre raça, gênero e ações afirmativas*. Em *Por uma visão não metonímica de cultura*, Edgar Cézár Nolasco e Natália Aparecida Tiezzi Martins dos Santos discutem a conceituação de cultura na sociedade pós-moderna. Em contraponto à leitura universal que tende a englobar em sua estrutura os textos locais/regionais promovendo uma leitura homogeneizante e universalizante, o debate proposto pelos autores gira em torno da possibilidade de se ler a cultura local a partir do próprio local, não negligenciando, desta maneira, o espaço de onde fala o sujeito. As possíveis causas de deslocamento de sujeitos e, por extensão, seus processos de ressignificações sociais são discutidos por Rogério Mendes Coelho em *Itinerários do Imaginário contemporâneo: migração, projetos utópicos em ‘Lucy’, de Jamaica Kincaid*. Ao analisar a escritura de Jamaica Kincaid, o autor destaca a migração como veículo formador de novas vozes que contribuíram para problematizar alguns paradigmas da Teoria e Crítica Literária na contemporaneidade. David Castro Netto se vale da história comparada para pôr em discussão a utilização da propaganda feita pelos militares brasileiros via AERP (Assessoria Especial de Relações Públicas) com o intuito de promover a estabilidade do governo, e o uso que o complexo IPÊS/IBAD (Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais/Instituto Brasileiro de Ação Democrática) faz da propaganda para buscar a instabilidade do governo Goulart no artigo *O IPÊS/IBAD, a AERP e a propaganda durante os anos 1961-1974*. Andréia Maria da Silva Lopes, Márcia Rejane Brilhante Câmpelo e Hadoock Ezequiel de Medeiros ressaltam a relevância que a oralidade desempenha na construção da memória cultural e, por extensão, na literatura contemporânea

de São Tomé e Príncipe. Assim, a reescritura do gênero oral sóias em “Pé-de-perfume”, da escritora santomense Maria Olinda Beja, é objeto de análise do artigo *Oralidade e memória: aromas exalados de ‘Pé-de-perfume’*. O último curso de Michel Foucault “Le courage de La vérité” e o conceito de singularidade proposto por Gilles Deleuze são discutidos por intermédio da leitura crítica de “O estrangeiro”, de Albert Camus em *Singularidade cínica e enfrentamento: a coragem da Verdade de Mersault em O estrangeiro*, por Helano Jader Cavalcante Ribeiro. Finalmente, Leilane Hardoim Simões e Edgar César Nolasco, voltados à reflexão das representações sobre si e o outro, se valem do conceito de autoficção para investigarem traços biográficos de Clarice Lispector dispersos/ (trans)postos no livro “Água Viva” no artigo *A escritura autobiográfica de Clarice Lispector*.

Agradecemos aos autores e leitores por tecer *Rascunhos Culturais* e os convidamos a (re)pensar e refletir sobre os temas apresentados costurando, assim, essa grande colcha de retalhos do qual se compõe o conhecimento e a pesquisa.

Geovana Quinalha de Oliveira

Marta Francisco de Oliveira